

ARTEFATOS RECICLADOS EM SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE PORTO ALEGRE

Luis Cláudio Pereira Symanski¹
Sérgio Rovani Osório²

RESUMO

Durante a etapa de análise do material recuperado em dois sítios históricos oitocentistas de Porto Alegre, o Solar Lopo Gonçalves e o Mercado Público Central, verificou-se a presença de artefatos reciclados de vidro e louça. O fato de não constarem, na literatura especializada produzida no Brasil, dados sobre o assunto, mostrou a necessidade da elaboração deste artigo. A intenção principal não foi realizar uma análise aprofundada destas evidências, mas sim discutí-las à luz da arqueologia comportamental de Schiffer (1987), levantando hipóteses sobre suas possíveis funções e utilização por grupos sociais economicamente não favorecidos.

ABSTRACT

During the analysis of the material recovered in two nineteenth century historical sites from Porto Alegre, the Lopo Gonçalves house and the Mercado Público Central, recycled glass and ceramic artifacts have been encountered. The principal intention in this paper is not to realize a detailed analysis of those evidences, but to discuss them in the light of Schiffer's Behavioral Archaeology (1987) and to formulate hypotheses concerning their possible function and use by social groups economically disfavored.

¹ Bolsista Recém-Mestre da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul – FAPERGS, Museu Joaquim José Felizardo, Porto Alegre.

² Bolsista, categoria Iniciação Científica – FAPERGS, Museu Joaquim José Felizardo, Porto Alegre.

INTRODUÇÃO

Processos de reutilização dos artefatos são, segundo Schiffer (1987:28), comuns em todas as sociedades. Dentre os diversos fatores que levam à reutilização de um item após a perda da sua função original se destaca o menor custo da reciclagem em relação ao custo de aquisição ou produção de um novo artefato. Há três variedades de reuso, denominadas por Schiffer (1987) como ciclagem lateral, uso secundário e reciclagem. Na ciclagem lateral ocorre apenas uma mudança de usuário e/ou unidade social, mantendo o artefato a sua forma e função original. Embora seja de difícil identificação arqueológica, por não levar a mudança na dimensão formal do artefato, há evidências deste processo de reuso em *plantations* norte-americanas, como Locust Grove. Nesta *plantation*, Young (1997) verificou nas habitações ocupadas pelos escravos, a presença de objetos de louça provindos da casa dos proprietários. Tais objetos foram transmitidos aos escravos possivelmente pelo fato de terem sido danificados ou estarem fora de moda. A ciclagem lateral é, portanto, uma variável que os investigadores – principalmente aqueles interessados em estudos de comportamento de consumo – devem tentar controlar, pois esta pode explicar a presença de itens de alto valor em sítios ocupados por indivíduos de baixo *status* sócio-econômico, como o caso verificado por Shephard (1987), em Alexandria (EUA).

Darnay e Franklin, 1972 *apud* Schiffer (1987: 30) definem como uso secundário o processo no qual “...os objetos passam a ter um novo uso sem precisar de modificações extensas.” O uso secundário ocorre em função da alteração do artefato, devido à sua utilização, quebra e à própria manutenção. Schiffer cita como exemplo machados de pedra gastos, que podem ser utilizados como moedores ou batedores. Na Arqueologia Histórica pode se citar como exemplos de uso

secundário a utilização de fragmentos de telha na construção de paredes de estuque, como o caso do Solar da Travessa Paraíso (RS.JA-03), localizado em Porto Alegre, e os embrechamentos de louça (fragmentos de louça fixados a uma parede para propósitos decorativos), como aquele presente no Solar dos Câmara, também em Porto Alegre.

A reciclagem, por sua vez, consiste no “...retorno de um artefato depois de algum período de uso a um processo de manufatura” (Schiffer, 1987:29). Nesse processo, o artefato é transformado de um modo tal que a sua identidade original é perdida. Dentre as três formas de reuso, a reciclagem, por levar a uma mudança na forma do objeto, é a mais facilmente identificada no registro arqueológico. Há, porém, pelo menos uma forma de reciclagem que, segundo Schiffer (1987:30), não deixa traços reconhecíveis nos artefatos: a adição de novos conteúdos a recipientes já usados. As garrafas de bebida são o exemplo mais evidente. Muitas garrafas, presentes em sítios históricos oitocentistas, sofreram esta forma de reciclagem (ver Bush, 1987). A sua identificação é, porém, complexa, pelo fato de não ocorrerem alterações na dimensão formal dos artefatos. Pode ser assumido, no entanto, que as garrafas de bebida, que apresentam um grande intervalo de tempo entre sua manufatura e deposição no registro arqueológico, passaram por este processo de reciclagem (ver Hill, 1982).

Para os dois sítios históricos porto-alegrenses cujas amostras foram analisadas, não há elementos que indiquem a presença de objetos que tenham sofrido ciclagem lateral. Já os processos de uso secundário e, principalmente, os processos de reciclagem que levaram a alterações na dimensão formal dos artefatos foram identificados. Antes, porém, de analisar tais artefatos é necessário fornecer algumas informações sobre os sítios dos quais eles são provenientes.

OS SÍTIOS PESQUISADOS

O Solar Lopo Gonçalves

O Solar Lopo Gonçalves (RS.JA-04) é uma unidade doméstica que foi construída entre 1845 e 1855, na Cidade Baixa. Inicialmente caracterizada como sede de uma chácara, localizada em ambiente semi-rural próximo a Porto Alegre, a edificação em questão, devido ao processo de expansão da cidade, foi envolvida pela paisagem urbana. Seu primeiro proprietário, Lopo Gonçalves Bastos, um bem sucedido comerciante que atuou no ramo de secos e molhados, no comércio de escravos e em empreendimentos imobiliários, acumulou uma das maiores fortunas da Porto Alegre de sua época. Com a sua morte (1872), o solar foi herdado por seu genro e sobrinho Joaquim Gonçalves, que o ocupou até as primeiras décadas do século XX (Giacomelli, 1992; Symanski, 1997).

O material analisado é resultante de uma escavação realizada nesse sítio entre janeiro e abril de 1996. Foram feitas 71 tradagens sistemáticas, com o auxílio de um trado geológico, visando detectar os pontos de maior potencial arqueológico para a escavação. As áreas selecionadas foram cobertas por uma malha de quadriculamento (quadrículas de 1m²) seguindo a orientação de um ponto-zero previamente estabelecido. Foram abertas 30 quadrículas e seis meias quadrículas, totalizando 33m² de área escavada (Planta 1), tendo sido verificada a presença de dois níveis estratigráficos com material cultural, sendo o superior, composto por um sedimento escuro, referente ao século XX, e o inferior, de coloração castanha, relacionado às ocupações do século XIX (Symanski, 1997:108).

O Mercado Público

O Mercado Público Central (RS.JA-05) é um prédio construído entre 1864 e 1869, no centro de Porto Alegre. A área na qual ele foi

edificado foi conquistada do Rio Guaíba através de aterros realizados a partir de 1843. O prédio, de inspiração neoclássica, foi edificado para substituir o primeiro mercado público, construído em 1842 e demolido em 1870, com a finalidade de disciplinar o abastecimento da cidade, organizando o comércio, em especial o de gêneros alimentícios (PMPA, 1993). Este primeiro mercado situava-se na Praça Paraíso (atual Praça XV), às margens do rio, onde possivelmente eram lançados os detritos produzidos pelas suas diversas atividades, conforme a prática habitual de descarte de refugo na Porto Alegre dos séculos XVIII e XIX (Saint-Hilaire, 1974:46; Weber, 1992:96-97). Durante a execução, nesta mesma praça, dos aterros que viriam a formar o terreno onde foi erguido o novo prédio, provavelmente lixeiras coletivas existentes em áreas próximas foram removidas e incorporadas a este terreno.

Em 1994, começaram a ser realizadas diversas obras para a restauração e reforma do Mercado Público Central, as quais provocaram perturbações no subsolo de grande parte da área do prédio, tornando necessário o acompanhamento arqueológico. Foram resgatados, assim, vestígios arqueológicos dos séculos XVIII e XIX que totalizaram mais de 8.000 fragmentos, destacando-se louças, objetos de vidro e metal, e material ósseo. As diferentes etapas da obra tiveram acompanhamento arqueológico realizado, entre 1994 e 1995, pela equipe de arqueologia do Museu Joaquim José Felizardo, coordenada pela arqueóloga Fernanda Tocchetto (Tocchetto e Capelletti, 1995), e em 1996 pela arqueóloga contratada Beatriz dos Santos Landa (Landa, 1996). Foram realizadas escavações com maquinaria pesada, assim como escavações manuais feitas pelos operários. Em um único local, uma área de 5m x 5m no centro do prédio, houve uma escavação controlada, com a retirada cuidadosa de cada camada dos diversos pisos que se sobrepunham (Landa, 1996:88).

ARTEFATOS RECICLADOS DE LOUÇA

O primeiro grupo de artefatos que será discutido teve como matéria-prima fragmentos de pratos de faiança fina. Tais fragmentos constituíram, portanto, o material secundário, ou seja, itens manufaturados que, por perderem sua função original, foram utilizados como suporte em um novo processo de manufatura (Darnay & Franklin, 1972 *apud* Schiffer, 1987:29).

Foram identificados cinco fragmentos de louça que passaram por este processo, sendo três provenientes do Mercado Público e dois do Solar Lopo Gonçalves. Verificou-se o emprego de técnicas de manufatura distintas no material proveniente de cada sítio. Os fragmentos do Mercado Público foram lascados com o objetivo de dar a eles uma forma arredondada, completamente distinta das formas angulosas comuns aos fragmentos de louça que sofreram quebra acidental. As três peças são de faiança fina branca, da variedade conhecida como *pearlware*, comum entre 1780 e a primeira metade do século XIX (Majewski & O'Brien, 1987:118-9). Já os fragmentos do Solar Lopo Gonçalves apresentam evidências de terem passado por dois processos: lascamento, para reduzir o tamanho da peça; e polimento, visando dar uma forma mais arredondada e regular aos artefatos. Uma das peças foi produzida a partir de um fragmento de borda de prato branco, sendo proveniente da camada superior deste sítio. Esta camada é, como já notificado, referente ao século XX, mas as características da pasta e do esmalte da peça em questão indicam que ela foi produzida no século XIX, tratando-se provavelmente de um item que foi deslocado de sua posição original no registro arqueológico em decorrência das perturbações, provavelmente de ordem antrópica, que este sítio sofreu (Symanski, 1997:107-8). A outra peça é decorada na técnica Azul Borrão, comum entre 1835 e 1901 (Lima *et alii*, 1989:211). Todas essas peças têm um diâmetro médio de 2,5cm.

Há um consenso entre os investigadores de que tais peças teriam uma função lúdica, sendo utilizadas como fichas de jogos (T. A. Lima, comunicação pessoal.; Russel, 1997:75). Russel observa que a presença desses objetos é comum em contextos afro-americanos dos Estados Unidos e Jamaica. Mais complexo, porém, é tentar determinar em que tipos de jogos elas foram utilizadas. As suas dimensões reduzidas podem levar à suposição de seu uso em jogos como gamão e damas. No universo de 90 inventários *post-mortem* levantados no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, referentes ao período 1800-1890, não foi feita qualquer menção a jogos de damas em nenhuma listagem de itens domésticos. Já os jogos de gamão foram mencionados em dois documentos: o inventário de Ernesto Ruperti, datado de 1875; e, coincidentemente, o inventário de Lopo Gonçalves Bastos, datado de 1878. Os jogos de gamão citados foram avaliados, respectivamente, em 8\$000 (oito mil réis) e 5\$000 (cinco mil réis). Embora fossem jogos já usados e, conseqüentemente, desvalorizados, essas quantias, como será melhor discutido no próximo tópico, eram razoavelmente significativas, demonstrando que somente indivíduos, que dispusessem de algum excedente financeiro, suficiente para gastar com itens de consumo supérfluos, teriam acesso a tais bens. Considerando apenas os aspectos econômicos, tais indivíduos não teriam necessidade de reciclar fragmentos de louça para serem utilizados em substituição às peças originais. Por outro lado, aqueles menos favorecidos economicamente, teriam poucas condições de investir em um conjunto industrializado de peças e tabuleiro. Chama, porém, a atenção o fato de o jogo de gamão presente no inventário de Lopo fazer parte do equipamento doméstico de sua casa de chácara, o Solar Lopo Gonçalves, de onde são procedentes duas das peças acima referidas. Não é

inviável, portanto, a hipótese de que esses artefatos reciclados de louça tenham sido produzidos para substituir peças perdidas deste jogo. Embora o uso de itens reciclados pudesse indicar um baixo *status* social, deve ser lembrado que o solar era uma residência de chácara, onde havia uma necessidade menor de ostentação de elementos indicadores da alta condição econômica de seus proprietários, como demonstrou a análise da louça referente à primeira ocupação deste sítio (ver Symanski, 1997).

A mudança da forma desses artefatos, através do processo de reciclagem, levou, portanto, a uma alteração de sua função e, mais amplamente, de seu contexto de uso. Em sua forma original de pratos esses artefatos exerceram uma tecno-função estritamente relacionada ao consumo de alimentos. Após a reciclagem, os novos itens continuaram a exercer uma tecno-função, porém agora relacionada a atividades lúdicas, realizadas em momentos de sociabilidade dos quais poderiam participar várias pessoas.

Pelo que as evidências indicam, este processo de reciclagem das louças não foi um fenômeno isolado, mas comum a várias regiões do Brasil, como o Rio de Janeiro (T. A. Lima, comunicação pessoal); da América espanhola, como Buenos Aires (D. Schávelzon, comunicação pessoal) e Santiago del Estero (Moreno, 1983:723); e da América do Norte (Russel, 1997).

Nas duas amostras trabalhadas foi encontrado apenas um objeto de louça com evidências de uso secundário. Deve ser lembrado, porém, que este é um processo de reuso mais sutil, que implica em poucas transformações nas características físicas do objeto, o que o torna na maioria das vezes de difícil identificação no registro arqueológico. A peça identificada é proveniente do Solar Lopo Gonçalves. Trata-se de uma malga branca, com a

marca de fabricante “Adams”, referente ao período 1879-1891 (Kovel & Kovel, 1986:7). Esta malga foi perfurada no fundo, provavelmente com o propósito de ser utilizada como um vaso de plantas, após ter sofrido algum dano, como lascamento ou trincamento, que a impediu de cumprir sua função original.

ARTEFATOS RECICLADOS DE VIDRO

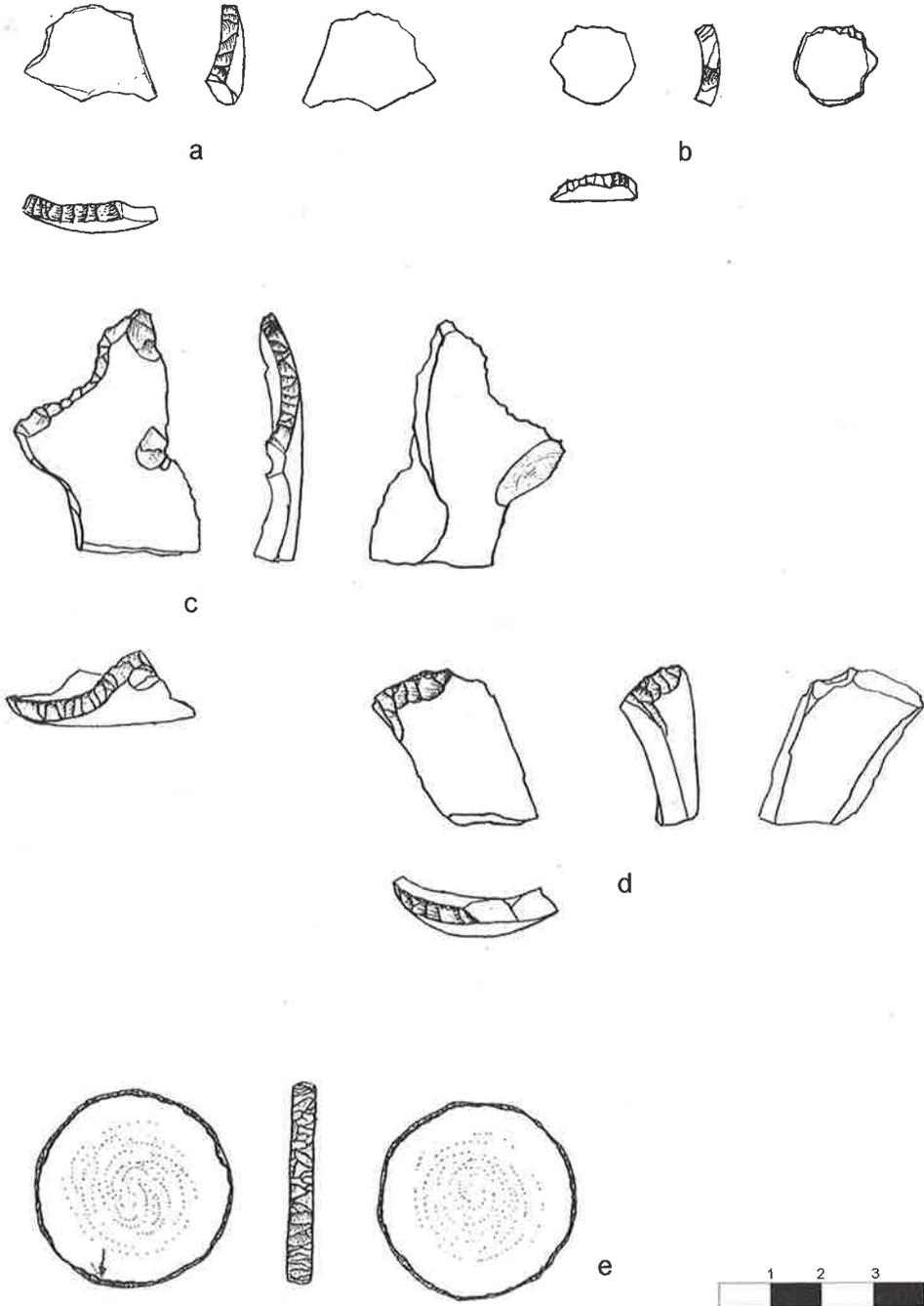
Os artefatos reciclados de vidro foram separados em dois grupos funcionais, em decorrência de alterações distintas em sua dimensão formal: peças de jogos e utensílios.

O primeiro grupo é composto por duas peças cuja forma se assemelha àquela dos artefatos reciclados de louça descritos anteriormente. Devido a essa semelhança levantamos a hipótese que tais peças, a exemplo daquelas de louça, também exerceram uma função lúdica. O primeiro artefato, proveniente do Mercado Público (Figura 1e), foi produzido a partir de um fragmento de fundo plano de recipiente (provavelmente copo), incolor, e sem marcas de molde ou pontil. Esta peça tem 3,7 cm de diâmetro e apresenta evidências de ter passado por dois processos de manufatura: lascamento, para dar forma circular; e um suave polimento, provavelmente realizado com o objetivo de eliminar qualquer protuberância cortante que pudesse tornar incômodo o seu manuseio. A outra peça é proveniente do Solar Lopo Gonçalves e, apesar de também ter a forma circular, apresenta características distintas daquela descrita (Figura 1b). Foi utilizado como suporte um fragmento de bojo de garrafa, o qual deu uma forma levemente curva a este artefato. Sua cor é âmbar, tem 1,5 cm de diâmetro e a borda foi grosseiramente lascada. Apresenta, ainda, uma linha de molde no sentido vertical. Esta peça foi recuperada durante a etapa de coleta de superfície realizada neste sítio. Além deste dado contextual, a sua co-

loração âmbar aponta para a possibilidade de ela ser referente às primeiras décadas do século XX, posto que na camada superior do registro arqueológico, relacionada a este século, foi

verificada uma alta incidência de fragmentos de vidro, sobretudo medicinais, com esta coloração. Já a camada do século XIX apresenta uma baixíssima frequência de vidros âmbar.

Figura 1 – Mapa da distribuição da primeira camada do Solar Lopo Gonçalves



O segundo grupo de artefatos de vidro é composto por fragmentos de garrafas que foram retocados em pontos específicos da borda, com o propósito de produzir um gume. Tais fragmentos foram transformados, portanto, através do processo de reciclagem, em novos utensílios.

Os três artefatos encontrados são provenientes do Solar Lopo Gonçalves, sendo dois referentes à camada arqueológica do século XIX e o terceiro recolhido durante a coleta de superfície. Dos artefatos recuperados da camada arqueológica o primeiro foi produzido a partir de um fragmento de bojo de garrafa preta, provavelmente de vinho (Figura 1d). Pelo fato das garrafas desta cor terem sido produzidas até 1870 (Newman, 1970:73), é provável que este utensílio seja referente à primeira ocupação do Solar. Ele mede aproximadamente 3,5 cm de comprimento por 2 cm de largura, sendo retocado em uma de suas extremidades no sentido longitudinal (paralelo à base da garrafa), tomando-se como referência a posição do vasilhame em pé. O segundo utensílio parece ter sido produzido a partir de um fragmento de ombro de garrafa, de coloração verde-clara (Figura 1a). Mede cerca de 2,5 cm de largura por 2 cm de comprimento. Sua forma, porém, não permite determinar se o seu retoque é longitudinal ou latitudinal (transversal à base da garrafa). O artefato encontrado na superfície também foi produzido utilizando-se como matéria-prima um fragmento de bojo de garrafa de coloração verde-clara. Ele apresenta uma linha de molde vertical e mede aproximadamente 4 cm de comprimento por 3,5 cm de largura (Figura 1c). O retoque foi realizado no sentido longitudinal, em uma das extremidades da peça. Embora tenha sido recuperado em uma coleta de superfície, há uma frequência significativa dos vidros dessa coloração na camada do século XIX, de modo que é difícil determinar o período de produção desta peça.

Do mesmo modo que as peças circulares de louça, esses utensílios de vidro não constituem um fenômeno isolado. Outros exemplares foram encontrados em aldeias Bororo de contato no Mato Grosso (Wüst, 1990:344); em um sítio de contato em Aimorés - MG (A. Baeta, comunicação pessoal.); em São Nicolau do Rio Pardo, RS (Ribeiro *et alii.*, 1988:54); e em dois sítios rurais dos séculos XVIII e XIX em Rio Grande - RS (K. Hilbert e D. Ognibeni, comunicação pessoal). Sua presença é também notada em sítios deste mesmo período, sobretudo *plantations*, localizados em diversos estados norte-americanos (Wilkie, 1996).

Em uma análise minuciosa de quatro amostras provenientes de distintas habitações ocupadas por afro-americanos na *Oakley Plantation* (Louisiana - EUA), referentes ao período 1840-1930, Wilkie (1996) encontrou 35 artefatos de vidro reciclado com características semelhantes às dos três utensílios acima descritos. Esse autor verificou a presença de dois tipos de artefatos com funções distintas, relacionadas à posição do gume na peça. Os fragmentos com retoque na borda latitudinal exerceram a provável função de raspadores, enquanto os com gume na borda longitudinal parecem relacionados a movimentos para cortar ou serrar. Wilkie não observou, porém, a presença de retoque em nenhum artefato deste segundo grupo. No entanto, os dois exemplares com gume na borda longitudinal encontrados no Solar Lopo Gonçalves apresentam retoque. Assim, o fato destes artefatos serem tipologicamente distintos daqueles da *Oakley Plantation* torna problemático assumir que eles exerceram a mesma função. O tamanho reduzido da amostra não permite ainda interpretações conclusivas sobre a sua funcionalidade, porém, os três utensílios caracterizam-se por apresentarem ângulos íngremes nas bordas trabalhadas, de 74°, 84° e 97°, os quais estão relacionados, sobretudo, a movimentos para raspar.

Em seu trabalho Wilkie (1996:46) nota que estes artefatos de vidro reciclado são comuns em contextos ocupados por afro-americanos, estando presentes em sítios rurais e, em menor quantidade, em sítios urbanos. Segundo a autora, até o momento não há referências a tais utensílios em contextos estritamente euroamericanos. Mintz & Price, 1976 *apud* Wilkie (1996:44) documentaram o uso de artefatos de vidro quebrado, por africanos, para aparar cabelos na confecção de penteados. Nas Bahamas, tais artefatos foram utilizados como lâminas ainda na década de 1930 (Ferguson, 1995 *apud* Wilkie, 1996:45). Na própria *Oakley Plantation*, depoimentos orais referem-se à utilização desses artefatos, também até a década de 1930, para alisar cabos de machados e enxadas (Wilkie, 1996:45). Wilkie observa que nesse sítio, em todos os contextos nos quais tais artefatos estão presentes, não foram encontradas navalhas, ferramentas versáteis que podem ser utilizadas tanto para cortar quanto para raspar. Na única estrutura em que as navalhas estão presentes, uma habitação afroamericana da década de 1930, não foram encontrados vidros lascados. Nos Estados Unidos as navalhas, assim como outros utensílios destinados a cortar, eram de alto custo para indivíduos não favorecidos economicamente, chegando a custar mais de um terço (\$1.50) do salário mensal de afro-americanos que trabalhavam na *Oakley Plantation* em 1891 (\$4.00) (*ibidem*). Wilkie (1996:46) nota que o preço dessas lâminas caiu progressivamente até a década de 1930, o que poderia ter tornado obsoletos os artefatos de vidro reciclado.

Para Porto Alegre foi possível levantar o valor de utensílios cortantes para o ano de 1872, com base na listagem dos itens presentes na “loja de negócios de armarinho” de José Vieira de Faria, os quais foram arrolados e avaliados por ocasião de seu falecimento para registro em seu inventário *post-mortem*. Neste

documento foram avaliados os seguintes artefatos cortantes:

| ARTEFATO | AVALIAÇÃO |
|--------------------------|-----------|
| navalha | 1\$000 |
| canivete | 3\$000 |
| canivete ordinário | \$222 |
| tesoura fina | \$833 |
| tesoura grande ordinária | \$666 |

Para se ter uma noção do valor de mil réis atribuído à unidade da navalha basta levar em conta que, em 1877, de acordo com o inventário de Guilherme Homann, proprietário de uma loja de louças em Porto Alegre, um prato branco de faiança fina era vendido por \$083 (oitenta e três réis). Entre 1840 e 1860 a jornada diária de um escravo de ganho rendia, em média, \$640 (seiscentos e quarenta réis). Deste valor, cerca de dois terços eram destinados ao senhor, tendo o escravo, assim, uma renda diária um pouco superior a \$200 (duzentos réis) (Zanetti, 1994:47-8). Com esta quantia, lembra Zanetti (1994:48), o escravo podia comprar cerca de meio litro de aguardente (\$200) ou um quilo de charque (\$214). O preço de uma navalha equivalia, portanto, a cinco dias de trabalho de um escravo de ganho. Mesmo o canivete mais simples, avaliado em \$222, poderia ser considerado um item de consumo de luxo para um indivíduo que recebia uma quantia quase que insuficiente para garantir a sua subsistência.

Em vista da ausência de trabalhos sobre este tipo de artefato no Brasil, ainda não há elementos para associá-los a grupos afrobrasileiros. É importante destacar, no entanto, que tais utensílios não foram encontrados nos dois sítios urbanos até o momento pesquisados em Porto Alegre: as lixeiras coletivas do Mercado

Público e da Praça Rui Barbosa. Por outro lado, o Solar Lopo Gonçalves, o único sítio onde esses itens reciclados foram evidenciados, estava inserido, no século XIX, em um ambiente rural no qual a presença de escravos foi comprovada por meio de fontes documentais e da própria pesquisa arqueológica. Pesquisas em andamento em outros sítios que foram ocupados por Afrobrasileiros poderão reforçar a hipótese da associação desses utensílios com tais grupos.

Pelo que as poucas evidências até o momento trabalhadas indicam, a prática do lascamento de vidro no Brasil, a exemplo dos Estados Unidos, também adentrou o século XX, como atestam os dois exemplares provenientes da superfície do Solar Lopo Gonçalves. Em que época, porém, esses itens foram definitivamente substituídos em nosso país por outros industrializados, que cumpriam mais eficientemente as mesmas funções, é uma questão a ser investigada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Schiffer (1987:38) chama a atenção para o fato de que sociedades que apresentam uma distribuição desigual de riqueza, com um alto grau de diferenciação social, tendem a apresentar uma maior quantidade e variedade de mecanismos de reuso. Tais mecanismos, segundo este autor, podem facilitar a transferência de artefatos entre as classes sociais. Na maioria dos casos, tal transferência ocorre das classes superiores para as inferiores (Schiffer, 1987:39). É possível que os artefatos reciclados discutidos neste trabalho tenham sofrido este fluxo para baixo. Neste caso, os pratos e garrafas provavelmente deixaram de ser utilizados por seus usuários iniciais quando eles alcançaram o fim de sua vida de uso original, através da quebra. Na forma de fragmentos, tais itens só poderiam ser aproveitados em um processo de reuso mediante a reciclagem. Em um país que,

embora não industrializado, estava consumindo massivamente produtos manufaturados importados, sobretudo por suas classes superiores, o processo de reciclagem, visando a produção de fichas de jogos com fragmentos de louça, ou lâminas de fragmentos de vidro para cortar e raspar, dificilmente pode ser explicado em função de ausência de produtos no mercado que cumprissem tais funções. Logicamente, as classes mais favorecidas economicamente tinham acesso a tais bens de consumo. Já indivíduos de baixa renda estavam mais propensos a utilizar objetos usados, sendo que, mesmo aqueles quebrados, poderiam servir como suportes para a produção de novos artefatos, ou como coloca Schiffer (1987:45-46):

“Em sociedades que dispõem de um grande número de artefatos, os processos de reuso podem ajudar a diminuir o impacto adverso da disponibilidade reduzida de novos itens, especialmente para as classes média e baixa, em épocas de queda na renda real ou outras vicissitudes econômicas.”

Deve ser ressaltado, contudo, que tais generalizações, antes de serem assumidas, devem ser testadas. Assim, a atenção aos processos de reutilização dos artefatos em contextos brasileiros, ocupados por segmentos sociais distintos, poderá indicar em que medida esses mecanismos foram adotados em função de causas estritamente econômicas (como o alto preço dos produtos industrializados importados que eles substituíam), ou se outras variáveis devem ainda ser consideradas para explicar a presença desses itens em nossas amostras.

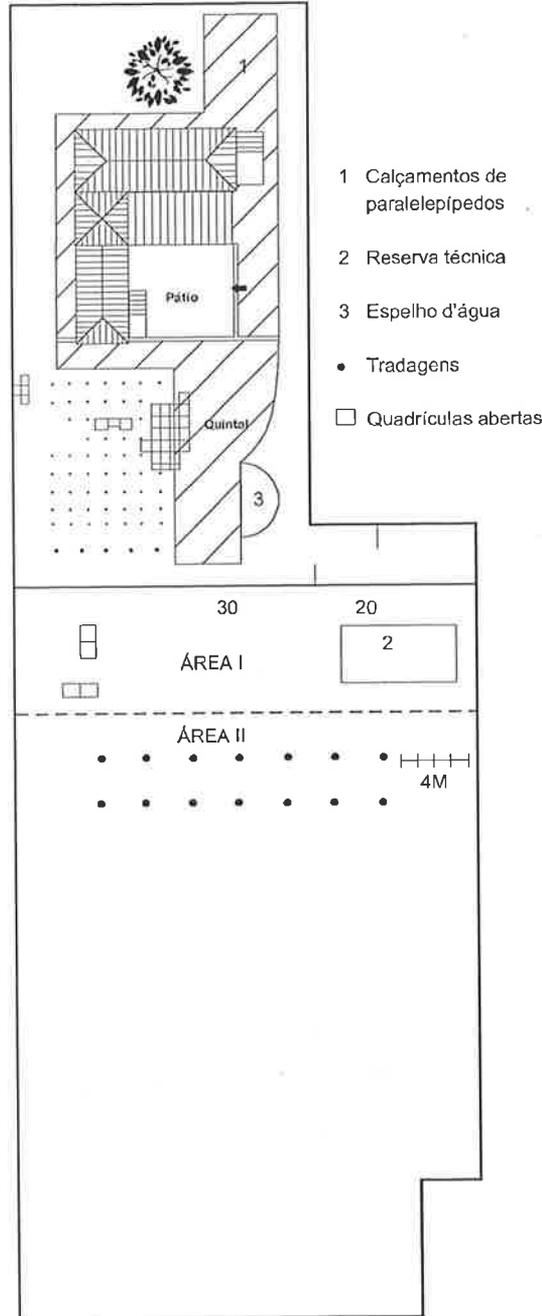
AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Arno Alvarez Kern, pela orientação no desenvolvimento deste trabalho. Ao Dr. Klaus Hilbert, pela grande ajuda na identificação das peças lascadas em vidro, diferindo aquelas que sofreram uma ação antrópica intencional das que foram acidentalmente lasca-

das em função de quebras e pisoteamento. À Dra. Tânia Andrade Lima e ao professor Marcos André Torres de Souza, pelas críticas e comentários à versão inicial deste texto. À professora Fernanda Tocchetto, pelo incentivo e

apoio constantes. E por fim, mas não menos importante à Dra. Irmhild Wüst, pela atenção e boa vontade em tornar este trabalho apto para a publicação.

Figura 2 – Planta baixa do Solar Lopo Gonçalves e localização das intervenções arqueológicas



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUSH, A., 1987. Second time around: a look at bottle reuse. *Historical Archaeology*, 21(1):67-80.
- GIACOMELLI, S., 1992. Solar Lopo Gonçalves – de propriedade rural a Museu de Porto Alegre. *Cadernos do Museu 2*, Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura.
- HILL, S., 1982. An Examination of Manufacture-Deposition Lag for Glass Bottles from Late Historic Sites. In Dikens, Jr. & Roy, S. (eds.). *The Archaeology of Urban America: The Search for Pattern and Process*. New York: Academic Press, pp 291-327.
- KOVEL, R. & KOVEL, T., 1986. *Kovel's New Dictionary of Marks – Pottery and Porcelain*. New York: Crown Publishers.
- LANDA, B. S., 1996. Acompanhamento arqueológico no Mercado Público Central de Porto Alegre. *Revista do CEPA*, 20 (23):77-104.
- LIMA, T. A. *et alii*, 1989. A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia no Rio de Janeiro. *Dédalo, Publicações Avulsas*, 1:205-230.
- MAJEWSKI, T. & O'BRIEN, M., 1987. The use and misuse of nineteenth-century english and american ceramics in archaeological analysis. *Advances in Archaeological Method and Theory*, 11: 97-209.
- MORENO, A. J., 1983. El contato hispano-indígena en Santiago del Estero. In: Morresi, E. e Gutierrez, R. (eds.), *Presencia Hispanica en la Arqueología Argentina* v.2. Museu Regional de Antropologia Juan Martinet, Instituto de Historia – Facultad de Humanidades – UNNE, pp.701-763.
- NEWMAN, T., 1970. A dating key for post-eighteenth century bottles. *Historical Archaeology*, 5:70-75.
- PMPA, 1993. Mercado Público Central – Um importante capítulo da nossa história. *PMPA, Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio*. Porto Alegre, 24p.
- RIBEIRO, P.M. *et alii*, 1988. Arqueologia e história da aldeia de São Nicolau do Rio Pardo. *Revista do CEPA* 15(18):05-92.
- RUSSEL, A. E., 1997. Material culture and african-american spirituality at the Hermitage. *Historical Archaeology*, 31 (2):63-80.
- SAINT-HILAIRE, A., 1974. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Itatiaia.
- SCHIFFER, M. B., 1987. *Formation processes of archaeological record*. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- SHEPHARD, S. J., 1987. Status variation in antebellum Alexandria. In: S. Spencer-Wood (ed.), *Consumer choice in historical archaeology*. New York: Plenum Press, pp. 163-198.
- SYMANSKI, L. C., 1997. *Grupos domésticos e comportamento de consumo em Porto Alegre no século XIX: o caso do Solar Lopo Gonçalves*. Dissertação de Mestrado em História (concentração em Arqueologia). Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- TOCCHETTO, F. e CAPELLETTI, A., 1995. *Intervenções arqueológicas em Porto Alegre e o exemplo de dois sítios históricos na área central da cidade*. Porto Alegre, datilografado, 6p.
- WEBER, B. T., 1992. *Código de posturas e regulamentação do convívio social em Porto Alegre no século XIX*. Dissertação de Mestrado em História (História do Brasil). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- WILKIE, L. A., 1996. Glass-knapping at a Louisiana Plantation: african-american tools? *Historical Archaeology*, 30 (4):37-49.
- WÜST, I., 1990. Continuidade e mudança – para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso. Tese de Doutorado, São Paulo, Universidade de São Paulo.
- YOUNG, A.L., 1997. Risk management strategies among african-american slaves at Locust Grove Plantation. *International Journal of Historical Archeology*, 1(1):5-38.
- ZANETTI, V., 1994. *Calabouço urbano: escravos e libertos em Porto Alegre (1840-1860)*. Dissertação de Mestrado em História (História do Brasil). Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.